

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

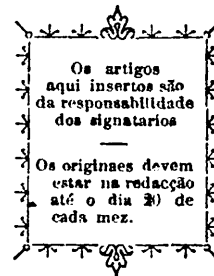
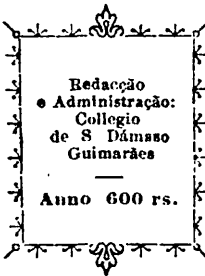
P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranesse

DE

S. DAMASO



Summario — A Educação, *Leite de Faria*—Sola! *Henrique Gomes*—
A rôda da Historia Antiga, *Bruno d'Almeida*—Cincoenta e sete an-
nos, *A. Moreira Bello*—O Segredo do Christianismo, *P.º Gonçalo
Alves*—Instrucção e Educação, *P.º Henrique Gomes*—Amor de
mãe, *João Mario*—Dezoito de dezembro, *dr. Pereira Caldas*—O
Natal, *P.º Antonio Hermano*—A antiguidade da terra, *J. Pereira
da Costa*—Aos annos d'uma senhora, *A. Moreira Bello*—A Reli-
gião e a Natureza, *Bruno d'Almeida*—A Religiosidade peninsular,
João Mario—O Socialismo, *João Mario*—Meditações, *P.º Antonio
Hermano*—Inter amicos, *A Redacção*—Boletim do Collegio, *H.*

BOLETIM DO COLLEGIO

O Dia ds S. Damaso

Dia gratissimo como era de prever, dia todo elle de festa, mas festa sem sombra.

Ainda que a solemnidade de mais vulto, a que mais alvorotava a colméa zumbente dos jovens collegiaes era a distribuição de premios, com sua distincta academia literaria emusical, nem por isso S. Damaso, o nosso santo patrono, ficou esquecido. Era de justiça. Portuguezes, e alumnos d'um casa de educação religiosa, haviamos de prestar o devido culto ao Papa Portuguez, que é a valer uma gloria lusitana. Por isso no vasto templo colgado de damascos assistimos a uma missa solemne cantada por o nosso d. Director Padre Domingos Dias de Faria.

Em dia de tanta alegria o jantar copioso tinha de correr animado. A D. Direcção, por via de embargos alheios á sua vontade, houve de disistir de fazer convites, por isso não havia convivas estranhos. Nem por isso faltaram as mais gratas expansões de jubilo. Brindes calorosos se trocaram entre alumnos e professores na mais generosa confraternisação, colhendo estes o ensejo para demonstrar quanto por nós se devotam, quanto nos estimam, quanto lidam pelo nosso bemestar; e nós para protestar-lhes o nosso vivo reconhecimento pelo carinhoso zelo de que nos dão provas.

O Salão em que devia realizar-se a bella solemnidade estava simples, mas elegantemente adornado. D'um lado, ao centro, via-se um estrado com um rico docel e a mesa

da presidencia. A meio das colgaduras que formavam o docel, levantava-se a bandeira azul da Associação de S. Luiz, e as medalhas que iam ser distribuidas amosqueavam os damascos. A volta da sala, alguns arbustos e plantas convertidos em serpentinhas. A direita da presidencia o recinto reservado á orchestra e o destinado á classe dos alumnos *maiores*: ao centro as cadeiras para os preñados e professores: e á esquerda as destinadas á classe dos *medios*, e dos *pequenos*.

A's 6 horas, estando o salão profusamente illuminado, deu-se principio á solemnidade.

Ocupou a presidencia o Ex.^{mo} Sr. Padre Domingos Dias de Faria, que convidou para a sua direita o ex.^{mo} sr. dr. Meira, e rev. Bento Bravo e para a sua esquerda o ex.^{mo} sr. Conde de Lindoso, e Gaspar Paul, cavalheiros que, por uma feliz coincidência estavam no collegio, e de boa mente se prestaram a honrar a festa accellando o convite.

Abriu a sessão o *Hymno do Collegio* primorosamente executado pela *estudiantina*. Em seguida o habil professor do Collegio rev. Leite de Faria pronunciou um concetnoso discurso sobre o valor da educação.

A assembleia cobriu de applausos a auspiciosa estreia do orador.

Seguiu-se o certamen litterario em que todas as aulas foram representadas e em que tomaram parte varios alumnos.

J. Montenegro recitou a poesia *O Trabalho*. Distinguiu-se pelo desembarago e acento pronunciadamente transmontano. *Eugenio de Campos* expoz com muita vivacidade a poesia franceza—*O estudo*.

Amilcar Barca disse com notavel distincção e presença d'espírito uma poesia em *inglez*.

Domingos Costa recitou com pilhas de graça o *Geographo paspalhão*. Teve o auditorio em continua e franca hilaridade.

José Torres habilmente disse as impressões d'uma viagem que fez á *roda da historia antiga*.

José Sumavielle fez uma apologia muito erudita do *latim*. Falou com graça e como um experiente.

José Ferreira Leite representante da aula de *Fisica*, pronunciou um substancioso

discurso sobre a importancia d'aquella sciencia

João Meira demonstrou muito bem a importancia da *Matematica*.

Abel Mesquita falou com notavel pericia sobre a *Liberdade*, secundo tema de sua aula de *Filosofia*

Albano Mesquita perfilisou o orador com extremada correccção, distinguindo se o discurso pela ideia e forma, mas não menos pela exposiçáo.

Bento Lencastre disse-nos em elegante trecho as bellezas que a *Filosofia* tem, e tão *oratoriamente* o disse, que eu não hesitaria em conceder-lhe a palma do certamen.

Luiz Martins recitou um alliloquo elogio da solemnidade que se estava realisando.

Todos foram acolhidos em manifestações de simpatia e muito applaudidos.

Nos intervallos a *estudiantina* executou varias e primorosas composições.

Em seguida procedeu-se á distribuição dos premios (medalhas de prata) aos seguintes alumnos que se distinguiram no anno lectivo transacto :

Merito moral

Allino da Costa Maia (*medalha d'ouro*)
 Domingos Martins Fernandes
 Manoel Antunes d'Azevedo
 João de Faria Soares d'Almeida Queiroz
 Albino d'Azevedo Maia
 Manoel Lopes Leite de Faria
 Gonçalo Lopes Leite de Faria
 José Carneiro Leão Queiroz
 Amândio Pacheco Dias de Freitas
 Antonio José Henriques Coutinho
 Fernando Mendes de Vasconcellos
 José Sumavielle
 Manoel Francisco Sol
 Arthur Novaes da Costa Leite
 José Ribeiro Vieira de Castro
 Albano Lopes Leite de Faria

Merito literario

Allino da Costa Maia (3 premios)
 Annibal Mesquita Guimarães
 Alfredo Mendes da Silva
 Eduardo d'Almeida Junior
 Eugenio de Campos Amaral

Domingos da Costa
 José Figueiras de Souza
 Abrahão Maurício de Carvalho (2)
 Amílcar Barca Martins da Cruz (2)
 Armindo Mauricio Pinto Rodrigues
 Manoel Lopes Leite de Faria (2)
 Antonio Maria P. do Amaral e Freitas
 José Ernesto Ferreira Torres
 José Sumavielle (3)
 Arlindo Candido Martinó
 João de Faria Soares d'Almeida Queiroz
 José Ribeiro Vieira de Castro
 Abilio Antunes d'Azêvedo
 Arnaldo Vieira Nunes da Cruz
 Albino d'Azêvedo Maia
 Manoel José Martins
 Manoel Francisco Sol (2)

Terminada a brilhante cerimonia sorteou-se o premio (uma abotoadura d'ouro) que a Direcção offerreou aos alumnos que concorreram ao certamen literario. Coube ao collegial Montenegro. Sorteou-se em seguida o que fôra offerreido á *estudantina*, (um alfinete d'ouro) sahindo ao alumno Sampaio Bastos.

Depois d'isto, e executado o Hymno, encerrou-se a simpatica solemnidade.

Depois do ella houve ainda uma breve diversão. O alumno *Abel Mesquita* recitou com muitissima habilidade o monologo *«O Valentinos»*, que fez rir a bandeiras desprezadas e foi bisado: a *lanterna magica* expoz á gargalhada alguns monos que os collegiaes reuniram com insaciavel curiosidade, e varios primores da *estudantina* se fizeram ouvir de novo.

Assim terminou a singela mas alegre festa.

Um collegial.

Boletim da Associação de S. Luiz

Sessão de dezembro.

Realizou-se no dia 21

Abrihantou-a a *estudantina* do collegio, que, sob a distincta direcção do snr. Martinó, habil professor de musica, executou varios trechos. A assembleia applaudiu-a cotorosamente.

Aberta a sessão, tomou a palavra o m. d. Presidente, rev. Hermano Amandio. Expôz o estado financeiro da Associação; disse que a subscripção d'este anno

se elevava já a 505000 reis, o que provava a muita dedicação de todos; lembrou os largos fins educativos que esta bella instituição tem em vista e animou os jovens socios a usar da palavra sempre que se offereça occasião, como meio seguro de se aprimorarem e habituarem a falar em publico. Não se esqueceu tambem o sr. Presidente de chamar habilmente a attenção dos socios-educandos para a extraordinaria perfeição moral de S. Luiz, e de pedir-lhes que dia a dia se lembrem d'elle como seu guia, sua estrella norteadora, como faz o bom soldado, que jamais desliza a sua bandeira querida.

A assembleia rompeu em vivos applausos.

Tomou em seguida a palavra o socio Cunha Moreira, para lembrar á Meza a conveniencia de registrar em quadro commemorativo o insigne favor que S. Luiz, fervorosamente invocado, parece ter concedido ao socio M. J. Coimbra, chamando-o d'um quasi estertor d'agonia, á vida e á saude. Foi approvada a proposta.

A proposito d'uma felicitação, que, por seu restabelecimento, dirigira a dois membros da Meza o mesmo socio Cunha Moreira, levantou-se um breve, mas caloroso incidente despertado pelo socio Luiz Martins.

O sr. Presidente soube prudentemente fazer justiça e pôr-lhe termo.

Usou tambem da palavra o socio João Meira para instar pela publicação e distribuição dos Estatutos. O sr. Presidente explicou que os mandaria imprimir para distribuir a todos os socios, logo que a revisão estivesse concluida e approvada pela assembleia.

Falou o socio Domingos Costa para expor a conveniencia de se saber com muita antecedencia em que dia tinha de haver sessão, afim de os socios se poderem prevenir com suas propostas, reclamações, etc.

Propoz o socio rev. Antonio Hermano, que para dar maior lusimento, utilidade e interesse ás sessões, e para lhes imprimir uma feição mais academica, convidasse o sr. Presidente, com sufficiente antecedencia, dois socios pelo menos, a usar da palavra sobre *qualquer* assumpto que quizessem escolher. Assim ficava mais facil e mais copioso ensejo para estes excellentes exercicios practicos da palavra.

Mais propoz que a Meza empregasse esforços para que a *estudantina*, que tão galhardamente amenizou aquella sessão, abrihantasse tambem as futuras reuniões. Assim teriam as sessões mais um grande atractivo e se irmanariam mais intimamente a sciencia e a religião com a arte, formoso complemento d'aquellas. O rev. Firmino Bravo aditou, que da briosa pericia manifestada pela *estudantina*, era de esperar que em cada sessão fossemos gratamente inroseados com musicas novas.

A proposta foi significativamente applaudida.

Como ninguem mais quizesse usar da palavra foi levantada a sessão.

Um socio.

Os alumnos Distinctos nos exames trimnesaes

No fim da sessão da Associação de S. Luiz, o rev. Antonio Hermano, dirigindo-se aos collegiaes disse que vinha alli cumprir uma promessa. Di-sera que brindaria com uma pequena lembrança os alumnos que ficas-em distinctos nos exames trimnesaes: era isso o que vinha realisar.

A lembrança que offerecia era de minusculo valor intrinseco, mas era muito significativa: significativa a consideração, a estima e o sincero agradecimento de Directores e Professores aos briosos alumnos que melhores provas deram de ter utilizado o tempo e correspondido á dedicação de suas familias.

Em seguida fez a chamada dos *distinctos*, cuja lista damos abaixo, e entregou uma formosa estampa a cada um.

No fim disse que fazia sinceros votos por que todos os que ali tinham obtido a auspiciosa classificação de *distinctos*, a mantivessem em seus exames finaes e não só esses mas muitos outros, igualmente bem dotados de intelligencia, mas de vontade mais tibia.

Disse mais que as ferias eram uma occasião excepcionalmente propria para os bons collegiaes se mostrarem distinctamente educados e honrarem o collegio honrando-se a si mesmos; por isso lhes pedia que tivessem na memoria as normas e conselhos que por varias vezes lhes dera, e por fim, a todos desejava *felizes-festas*, para, promptos e alegres no dever, volta-

rem á tarefa algo ardua, mas muito fecunda do estudo.

Eis os nomes dos *distinctos*.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Amandio Pacheco Dias Freitas, 15
Joaquim Peixoto d'Azevedo, 15
Mario Gonçalves, 15
Albano da Silva Machado, 16

FRANCEZ

Gonçalves Lopes Leite de Faria, 15

INGLEZ

Amileir Barca Martins da Cruz, 15
Manuel José Martins, 15
Arnaldo Mauricio Pinto Rodrigues, 15

GEOGRAFIA

Abel Alves de Freitas Torres, 15
José João Duarte Fortuna e Silva, 15
Abraão Mauricio de Carvalho, 15
Annibal Meaquita Guimarães, 15
Alexandre Martins dos Ramos, 15
Antonio Teixeira, 15
José Ubach Respeita, 15

HISTORIA

Manuel Lopes Leite de Faria, 15
Antonio M. do Amaral e Freitas, 15
Altino da Costa Maia, 16
Francisco dos Santos Sol, 15
Abilio Antunes d' Azevedo, 15
Arnaldo Vieira Nunes da Cruz, 15

LATIM

Arnaldo Vieira Nunes da Cruz, 17
Manoel Francisco Sol 17
Manuel Lopes Leite de Faria, 17
José Sumavielle (6.º anno), 15

FISICA

Albino d'Azevedo Maia, 15
João Monteiro de Meira, 16
José Sumavielle, 15

FILOSOFIA

Albino d'Azevedo Maia, 15

LITERATURA

Antonio M. Peixoto do Amaral e Freitas 15
Fernando Mendes de Vasconcellos, 16
Bento d'Almeida Lencastre, 15
Alberto Machado do Sampaio Bastos, 15

PORTUGUEZ

Gonçalo Lopes Leite de Faria, 15
José Figueiras de Souza, 15
Amadeu de Souza Magalhães, 15
Eugenio de Campos Amaral, 16

Voz Veritatis

A EDUCAÇÃO ⁽¹⁾

Ex.^{mo} Presidente

Meus Senhores:

Ao ver-me n'este logar, de summa honra por certo, mas de não menos grave responsabilidade, afigura-se-me ver brotar espontaneamente dos vossos espiritos esclarecidos e justos uma censura acre á minha temeridade.

Não será porventura destituída de base a vossa apreciação.

Mas qual é o espirito tão forte, onde existe um homem tão independente, que não tenha de curvar-se algumas vezes, humilhado, perante a imperiosa força das circumstancias?

Qual é o mortal tão ditoso ou tão livre, sobre quem não penda, sobranceiro, o rigor inexoravel de leis impreteriveis?

Porem, quando essas circumstancias, envolventes de uma natureza fraca, são uma alegria, quando essas leis, directrizes de um espirito racional, são um dever, o homem justo não recalitra em face da mudança que as gera, ou da vontade que as impõe. Aceita com satisfação e animo sereno, submete-se com honra e dignidade ao pesado rigor das missões mais espinhosas.

E' fundado em taes principios, obtemperando a taes estímulos — que não pela estulta vaidade de alardear dotes e conhecimentos, de que careço — que me aventuro, perante vós, em occasião tão solemne, a fazer ouvir, pela vez primeira, a minha palavra humilde e desataviada.

Alardear dotes e conhecimentos, digo: rematado delirio fôra tão louca pretensão. Intelligentes e habillissimos collegas

(1) Discurso pronunciado na *Academia* realisada no Collegio de S. Damaso a 11 de Dezembro de 1894, por occasião da distribuição de premios.

meus ahí ha, a quem por muitos titulos competira o logar que indignamente occupo, e cujo cabal desempenho d'esta ardua tarefa apagara a mais ligeira sombra de duvida sobre a já reconhecida inferioridade do mais humilde d'entre elles.

—Fazer n'um breve discurso a abertura da *sympathica*, *attrahente* e *utilissima* solemnidade escolar, que hoje, professores e alumnos d'este Collegio, cordealmente irmanados no mesmo pensamento, celebram em honra do seu glorioso Patrono, eis a difficullosa empreza em que estão empenhadas as minhas debeis e apoucadas forças, eis a embaraçosa missão de que estou encarregado.

Como desempenhar-me d'ella?

Sinto já fallecer-me a coragem na escolha do assumpto.

Patentear a grata *sympathia* e as multiplices vantagens da nossa festa, seria por certo a materia mais *accommodada* ao meu fim, e não a de mais difficil desenvolvimento.

Dissuade-me porem a *superfluidade* de um tal trabalho, pela palpavel evidencia da these; e não ousa emprehendel-o.

Rechaçado assim do assumpto que mais estreitamente se harmonisa com a natureza da minha missão, onde refugiar-me? Em que hospitaleira paragem encontrarei um abrigo facil para a minha fraqueza, um azilo seguro para a minha duvida?

Fóra d'ahi, o campo que se desenrola á minha contemplação é tão vasto, que apenas o alcanço com a limitada vista; a seara, em que se me offerece colheita, tão copiosa e opulenta, que me sinto anniquilado por sua magnificencia, e não sei onde metta a fouce.

—Uma consideração racional me illumina, me chama, e aponta o rumo que porventura devo seguir.

Estamos em uma casa de educação; celebra-se uma festa ao mesmo tempo religiosa e litteraria; commemora-se, com a solemne distribuição de premios aos alumnos que no anno transacto obtiveram classificação distincta, a consagração d'esta casa ao grande S. Damaso, inclito heroe na sciencia e na virtude. Tudo vem, pois, de molde a alliciar-me a fallar sobre a educação, que, em ultima analyse, consiste na

acquisição e radicação d'aquellas duas sublimes qualidades, synthese maravilhosa de tudo o que ha de nobre e grande.

Que mais será que eu tente mostrar a sua necessidade?

Se o conseguir, felicitar-me-ei por haver realisado o meu desideratum.

— Como porém as minhas palavras vacillantes se hão de repercutir em ouvidos experimentados, como os meus pensamentos incertos se têm de reflectir em intelligencias illustradas, para não ser imprudente, só depois de me acolher, confiado, á vivificadora sombra da generosa benevolencia, que reclamo da vossa bondade como indispensavel alento para a minha fraqueza, é que principio.

Senhores :

Para qualquer phase ou momento da vida do homem que voltemos a vista e em que façamos incidir a attenção, surgir-nos-á, válida e imprescindivel, a figura gigantesca da rigorosa necessidade da educação, tão universalmente reconhecida.

Quer o homem arraste uma existencia miseravel por entre os horridos espinhos do infortunio; quer as auras inconstantes da fortuna o bafejem, e elle viva no meio de todos os prazeres que cabedaes opulentos podem proporcionar ao sectario do mundo; quer elle passe uma vida amargurada, desbaratando as forças, inundado em suor, soffrendo os ardores do estio e arrostando os rigores do inverno, para obter o magro pão, esteio de seus dias; quer o cerque a riqueza, e a vida seja para elle uma orgia constante, atravez de cujos póros se lhe escoem a honra e a saude; quer elle se ufane vaidosamente da posse de sumptosos palacios; quer a miseria lhe negue um humilde tugurio; quer elle seja estudante ou lettrado, artista ou agricultor; sempre e em toda a parte fansparece, atravez das faces especiosas que á sorte aprouve dar á natureza de cada um, a necessidade absoluta de uma educação.

E' que a natuzeza humana, desde que n'ella entrou a

original culpa do pae prevaricador, propende para o mal, e precipita-se no barathro horrendo do vicio, se a não sustem um braço prudente e robusto. E' o que faz a educação.

A educação é essa força ingente, efficacissima, que, inculcada methodica e systematicamente nas faculdades activas da natureza racional, as sustenta, como por milagre, nas titanicas luctas com os appetites.

E' essa alavanca poderosissima e irresistivel. que, tendo por ponto de apoio a fé religiosa e por contra-peso uma instrucção litteraria bem dirigida, eleva o homem do limbo obscuro da descrença ás culminancias eximias da santidade, do fundo tenebroso da ignorancia ao apogeu sublime da sciencia.

E' essa inspiração forte, quasi divina, que, fielmente servida, tem o singular poder de transformar a natureza.

—A educação é para a vida o que a luz é para os olhos.

Assim como na escuridão cerrada de uma noite caliginosa, os olhos, por mais perfeitas que sejam as suas disposições, por mais irreprehensivel que seja o seu estado de saude, se abrem debalde, não divisando sequer os objectos mais proximos, assim tambem o homem sem educação só impropriamente se pôde dizer racional.

Pratica os actos mais indignos, commette os crimes mais abominaveis, do mesmo modo e com a mesma facilidade com que um cego de nascimento se despenha no primeiro abysmo que se cava ante seus pés.

Falta-lhe um pharol luminoso em que fixe os dubios olhares, falta-lhe uma bussola recta e segura em que possa depositar confiança. E, norteado simplesmente pelo clarão enganador do seu bem-estar material, e pelos fogos-fatuos do seu espirito envilecido, difficilmente se esquivará a uma ruina quasi inevitavel.

Rija e cruelmente açoutado pela atmosphaera tempetuosa das suas paixões desordenadas, corre desgraçadamente a esbarrar-se nas ultimas consequencias dos seus desvarios.

De precipicio em precipicio, introduz-se irremediavelmente nas fauces cavernosas do cocytio abysmo.

—A educação, meus senhores, é tão necessaria á natureza humana, como a cultura ao campo.

Qual é o terreno, por mais fértil, que, faltando-lhe os cuidados assíduos e desvelados do cultivador, produza fructos abundantes e sazonados?

Qual é o solo que, não sendo convenientemente desbravado, antes de em seu seio tomar posse da fecundante seemente, produza mais que espinhos e fructos amargos?

Assim é o homem a quem falta a educação: apenas pensa, apenas falla e apenas pratica segundo a invencível inclinação da sua natureza corrupta e decahida.

—É do mesmo modo que o campo, abandonado por muito tempo á exuberancia excessiva de uma vegetação espontanea, se torna esteril e improductivo, assim tambem o homem, não se applicando ás suas racionaes facultades, logo desde o alvorecer do dia da existencia, uma cultura esmerada, começa a dar em seu seio, ainda tenro, abundante pabulo ás raizes damuinhas dos vicios, que prestes lhe enervam e inhabilitam as tendencias originarias. Então a natureza definha, degenera, e o homem começa a viver uma vida meramente animal. Não pensa, não raciocina, não tem sentimentos elevados, nem concebe aspirações nobres: vegeta apenas.

—É' pois, na infancia, na risonha infancia, na encantadora idade em que os mais graves cuidados se dissipam e espriam suavemente n'um immenso e deleitoso mar de rosas, e em que o futuro sorri traiçoeiramente n'um extase invejavel de alegria e feicidade interminaveis; é na infancia, digo, na primeira estação da vida, ao desabrochar primaveril das facultades animicas, que se deve prestar ao homem, esperança da sociedade, uma educação solida e completa. Porque, depois das plantas ruins haverem lançado por largo as suas raizes nocivas, alqueivado que seja o campo, difficilmente se lhe arrancarão de todo os germens bravios.

É' por isso que, desde a mais remota antiguidade, todos os povos mais ou menos civilisados prodigalisaram á educação da infancia os mais diligentes e sollicitos cuidados.

E' por isso que o sabio Lycurgo, na sua severa legislação, prescrevia que as creanças, apenas nascidas, fossem submettidas ao exame de peritos, para se avaliar das suas aptidões naturaes, e barbaramente degoladas aquellas a quem a inclemencia da sorte houvesse negado bastante vigor e robustez para arrostar os officios da vida, e principalmente o duro mister das armas, sendo as outras confiadas a empregados do estado que tinham o cargo de as educar.

Legislava assim Lycurgo, porque, conhecedor da natureza humana, sabia—á parte o rigor deshumano das suas leis—que a educação deve começar desde o berço. Sabia que as primeiras palavras balbuciadas pelo innocente, e os primeiros movimentos executados pela sua actividade, quando principia a manifestar-se, devem ser a expressão e o cumprimento do dever.

Sabia que o homem, formado de suas substancias distinctas, deve crescer alimentado simultaneamente pelo pão do corpo e do espirito.

—Mas para que dizer mais? A educação impõe-se por sua mesma magnitude.

Ainda que nenhuma fosse a sua necessidade extrinseca, bastaria a consideração attenta de si mesma, dos elementos constitutivos de sua natureza, para ninguem a rejeitar.

Pois que outra coisa é educar-se, senão adquirir a sciencia e enthesourar a virtude? E quem ignora o valor eximio, o merecimento incalculavel, a sublimidade incomprehen-sivel de dons tão preexcellentes?

A sciencia dissipa as trevas em que por natural condição nascemos envolvidos, mostra á nossa perplexidade o recto caminho para o bem, dirige os nossos passos vacillantes, patenteia ás vistas soffregas e arrojadas da intelligencia horisontes vastissimos, afferece á nossa contemplação novos mundos, extasia-nos com incognitas maravilhas, eleva o nosso espirito, humilhando-o no meio da grandeza colossal das obras do Creador, santifica-nos pela meditação do nosso nada em presença do infinito, apura as nossas faculdades no cadinho do estudo, sublima-nos acima de nós mesmos.

A virtude fortifica-nos nas adversidades sem numero de que a vida regorgita; dá-nos constancia nas afflicções, prudencia nos perigos, alento nas tentações; allicia-nos ao bem; faz nascer e fructificar em nós todos os sentimentos elevados e nobres, o amor da familia, o amor da patria o valor, a abnegação, a grandeza d'alma, emfim, manifestada em todas as grandes qualidades que tornam o homem verdadeiramente digno das bençãos de Deus e dos seus semelhantes, que satisfazem a propria consciencia e são a justa admiração do mundo que o cerca.

Sciencia e virtude, ambas para a vida; a virtude principalmente para a morte e para se continuar perennemente na patria bemditosa onde nada tem fim.

Tão relevantes e inextimaveis são as vantagens da sciencia, quão impreterivel e absoluta é a necessidade da virtude.

Quem haverá, pois, tão insensato e falto de prudencia, que, antes de entrar no oceano encapellado do mundo, se negue o supremo cuidado de as adquirir como provisões primarias?

Quem haverá tão louco, que ouse entrar sem munições n'uma guerra accessa?

Submerge-se certamente ao primeiro embate da temerosa vaga, succumbe antes de disparar o primeiro tiro.

Tal é o inqualificavel procedimento de quem na infancia rejeita a educação.

Tal é o inicio mal-agoureiro d'uma vida criminosa e desgraçada que terá por epilogo um desengano atroz.

—Eia, pois, amados collegiaes, compenetrar-vos profundamente da rigorosa e urgente necessidade que sobre vós impende de vos instruides e serdes virtuosos.

Applicae-vos cada vez com mais ardor ao estudo, o mais fecundo dos trabalhos, e dae de mão a tudo o que possa lesar a vossa innocencia.

Sede estudiosos e virtuosos para um dia serdes sabios e santos.

Que a alegre e commovente cerimonia a que ides assis-

tir, e em que, por felicidade vossa, muitos ides tomar parte, vos sirva, aos premiados de novo vigor no brilhante caminho que haveis trilhado, e aos não premiados de estímulo e santa emulação, para que d'hoje a um anno mereças entrar na phalange risonha e gloriosa dos vossos distinctos companheiros.

Hoje principalmente, meus bons amigos, que tendes a dita de celebrar d'um modo tão sympathico e brioso a festa do glorioso S. Damaso, que tomastes por protector, germae todos os vossos corações n'uma prece fervorosa, concentrae todos os vossos espiritos n'um pensamento unico, harmonisae todos os vossos labios n'um clamor unisono, e supplicae ardentemente ao inclito e immortal Pontifice, ao sublime e inimitavel heroe na sciencia e na virtude, que vos cubra com o benefico manto da sua salutar protecção, em todos os momentos da nossa vida, que abençõe todos os vossos trabalhos e vos faça grandes no saber e na virtude.

E se, mais tarde, quando houverdes sido chamados a desempenhar o vosso papel na vida, os homens admirarem as vossas qualidades nobres e grandes; se apregoarem a vossa sciencia e cobrirem de bençãos merecidas a vossa virtude: se vos perguntarem que solo fecundo sazou tão bons e pingues fructos, que brisas abençoadas inspiraram tão boas acções; se vos perguntarem em que ameno clima e com que fertilisadoras chuvas adquiristes uma nova natureza; respondei-lhes simplesmente que recebestes uma boa educação.

Disse.

Collegio de S. Damaso.

Leite de Faria.

SOLA!

Coitadinha! Pobre mãe!

Roubaram-te o Filho, as delicias da tua alma, a alegria da tua vida, e ficaste só, represada a dôr no fundo do cora-

ção, abismada no pelago de amarguras incomportaveis, sem um peito onde verter as lagrimas que te derivam pelas faces tão mimosas, a fio, avincadoras, escaldantes!

Pobre mãe. Só! Ainda ha pouco a estrada da tua vida era illuminada pelos sorrisos do teu Jesus, e agora trevas e só trevas em volta de ti!

Ainda ha pouco tu vias aquelle seu olhar tão meigo, aquelle seu marchar tão sereno e tão magestoso, ouvias aquelle seu fallar tão doce, aquellas suas palavras tão orvalhadas de suavidade, e agora vês um tumulo, no tumulo um cadaver e sobre o cadaver uma pedra; e agora ouves o estalar das fibras do teu coração, o gemer da natureza, o gargarhar das turbas!

Ainda ha pouco Jesus te dizia carinhoso, a sorrir: Mãe, não chores por mim, porque eu amo-te muito, muito, mas a humanidade precisa do meu sacrificio. Não chores, não.

E agora tudo em silencio; sumiu-se aquella voz que ciciava a teus ouvidos como aragem vinda do ceu!

Tu amaval-o muito, supportarias por Elle as dôres mais agudas, os golpes mais fundos, mas querial-o vivo, querial-o á tua beira para lhe admirares a belleza do rosto, a candura da alma, o brillantismo da aureola que lhe diademava a fronte, querial-o muito achegado ao teu coração para que lhe sentisses o calor e ouvisses as palpitações, e Elle. . . Elle fugiu-te; tinha umas azas e azas muito brancas, bateu-as e voou.

Não, ó Virgem.

Roubaram-to. Cruéis! Tirar um filho á mãe é arrancar-lhe um pedaço do coração, abrir-lhe sulcos na fronte, pratear-lhe de cans a cabeça, encurtar-lhe os dias da vida.

Roubaram-te o Filho, ó Virgem!

Elles, mais cruéis que os tigres, crivaram-lhe o corpo de chagas, apunhalaram-lhe a alma de sarcasmos.

Quando cahia, insultavam-no.

Quando tinha sêde, davam-lhe fél.

Quando gemia, assetcavam-no de vaias. Quando perdoava, blasphemavam.

Uns monstros os assassinos de teu Filho, ó Virgem.

Martyrisaram o Filho e martyrisaram a Mãe.

Qual martyrio o maior?

O de Jesus que chegava ao termo, ou o teu que principiava?

Jesus subia lá para cima, para o seio do Eterno Pae, e Tu ficavas cá em baixo, n'uma soledade angustiosissima, envolta n'uma tristeza indizível, ennoitada a alma pelo lucto, o coração lacerado pela saudade!

Jesus voltava a ouvir os canticos dos anjos, as melodias celestiaes e Tu continuarias a dedilhar na harpa da dôr os trenos mais sentidos—os gemidos da mãe, que chora o filho morto!

Pobre mãe!

Lembras-te ainda d'aquelle dia em que mataram teu Filho?

Lembras, lembras, que soffreste muito, como ninguem.

Que horror!

Aquellas pancadas nos cravos eram espinhos que se te enterravam no coração.

Aquelle sangue que avermelhava a Cruz escaldava o das tuas veias.

Os ais do Filho agonisante apertavam-te a alma como circulo de bronze.

Que tempo aquelle, que scena aquella, ó Virgem!

A scena passa-se na cumiada d'um monte, no monte ergue-se uma cruz, da cruz pendê um justicado e no justicado fixas Tu meigos e saudosos olhares.

O monte cobre-se de trevas, a cruz recebe o ultimo abraço do justicado, o justicado morre, e Tu... Tu recalcas no peito os suspiros, sentes lá por dentro um golpear de laminas agudissimas, o bater do coração em palpitações extranhas.

Mais tarde, reconhecida a morte do condemnado, descem-no da cruz, envolvem-no n'um lençol, perfumam-no, levantam a pedra d'um sepulchro, baixa a elle o morto, a pedra volta ao seu logar, e Tu, Tu que eras mãe, ficas allí

como a estatua da dôr firmada no bronze da resignação. Coitadinha!

Não houve dôr egual á tua.

Cada momento que batia no relógio do templo era um novo afistulamento, que se abria nas fibras do teu coração.

Navegavas em mar alto, açoutada pelos vendavaes do soffrimento.

Para qualquer lado que virasses de rumo, sempre baixios, sempre recifes, uma cerração medonha, aves agoireiras piando as suas lamentações tão tristes.

Que vida tão triste! que tristeza tão amargurosa! que amarguras tão truculentas!

E que resignação tão espantosa! que coragem tão inquebrantavel!

A alma da Virgem provada nas maiores dôres, foi temperada ao fogo da maior resignação.

Almas menos realentadas pelas coruscancias do amor, pelas reverberações de luz divina, baqueariam a meio da lucta com o hercules do soffrimento.

Ella não. Por isso é que Ella é a mulher forte, a mulher dos grandes combates e das grandes victorias.

S. Dâmaso.

P.^e Henrique Gomes.

A' RODA DA HISTORIA ANTIGA

Sou um peregrino. Venho da galeria assombrosa da historia antiga, onde religiosamente beije amoroso a sombra grandissima de muitos heroes.

Desci até onde a Historia entesta com a escuridão da Prehistoria.

Visitei o vale sagrado do Nilo e os misterios da gloriosa Hecatompila. No seio funebre de piramides eternas

desvelei com respeito as mumias dos grandes Pharaós, emquanto cá fóra, na vastidão do deserto, as sphinges colossaes e solemnes me revelavam a religiosidade d'aquella raça extincta.

Então o meu espirito inquiridor desferiu vôo até as margens do Indo e a foz do Ganges e pousando nas cumiadas brancas do Himalaia—soberbo throno do supremo Indra—contemplou surprezo o desfilar grandioso da opulenta civilização arica e, ao som epico das grandes guerras, leu, ferido de entusiasmo, os canticos sublimes dos Vedas, debuxou na mente as semideuzes do Ramaiana e, a fremir de jubilo, contemplou a figura radiosa de Buddha lançando a sua benção de caridade sobre o peso esmagador do Bramanismo.

Fui mais além. Na vertigem do ignoto, vaguei pela China immensa e vi em seguida os potentissimos imperios da Asia fulgidos como meteoros e logo resvalados ao abismo. Então, sentei-me sobre as ruinas de Babilonia, como Scipião sobre os escombros fumegantes de Carthago, para meditar com infinita amargura sobre a fragilidade das grandezas humanas. Fugi presto d'aquelle tumulto de imperios e fui ajoelhar ante Jehovah no templo de Salomão para mormurar uma prece alli onde um povo inteiro orou. Adeante, na praia sinuosa do mar interior, vi os phenicios singrando larguissimos roteiros. Iam á conquista do oiro.

Cheguei a Hellade! Descobri-me como se entrasse n'um templo augusto. Romeiro piedoso, tremia de commoção. Alli palpitara o coração da civilização antiga. Era o sacrario da humanidade.

De Delphos onde o Apollo d'oiro regia pelo oraculo os destinos immortaes das republicas bemfadadas, parti para a primacial Athenas—o paraizo da arte—e vi com admiração a fronte illuminada de Solon, as magnificencias de Pericles e a Agora resoante com a voz dos livres. Subi ás Thermopilas a beijar as cinzas de Leonidas—a encarnação de Sparta—a guerreira—e de lá contemplei os prelios ciclopicos de Marathona e Salamina. Passei por Corintho, a estrella da Grecia, apagada depois pela espada de Mummio e em

Olimpia vi com delicia os gloriosos certamens dos Hellenos. Ia retirar-me d'aquelle solo santo, quando o poente se illuminou com uma desusada fulguração: era o verbo divino de Demosthenes. A espada d'Alexandre levantava-se no horizonte e cahia sobre a Grecia moribunda. Tremulo de pavor, fugi, e arribei á foz do Tibre.

Estava em Roma!

Era um acampamento regido pelo genio heroicissimo da guerra!

Subi ao Capitolio e alli, devagar, olhei em volta e medi a pujança unica d'um povo largamente rei.

Lá estava o *Forum* onde a plebe dictava leis e, pertinaz, ia á conquista dos privilegios dos patricios e o *circo* onde esse mesmo povo louco de goso feroz pedia sangue. Lá ao longe os Scipiões demolindo Carthago — a desditosa — e Siracusa, e Numancia e Corintho presas ao carro de fogo dos vencedores; e Julio Cesar e Augusto cravando o punhal na Republica agonisante; e ainda a mão suave da Grecia guiando os guerreiros do Tibre ao templo estrellado da arte onde vi o doce vulto de Virgilio e Cicero—o eloquentissimo—ensinando-me com intraduzivel verdade que a Historia é a «mestra da Vida.»

Recitado pelo collegial

José Torres.

CINCOENTA E SETE ANNOS

Lustros onze e dois annos! N'este espaço
Que longas dôres, breves alegrias!
Volvem na agitação dias póz dias,
Instantes só da paz no almo regaço!

E' tal a vida. O dedo do cansaço
Da morte aponta em breve sombras frias!
Loucura é pois seguir do mundo as vias:
Oh! Deus, Oh! Pae! com tua cruz me abraço.

Hei sido peccador, mas sou teu filho :
Faze que o vicio odeie, ame a virtude,
E da lei tua nunca deixe o trilho.

E quando a morte vibre o golpe rude,
Succederá dô mundo ao falso brilho
O inextinguivel sol da beatitude.

A. Moreira Bello.

O SEGREDO DO CHRISTIANISMO

Arvorada a cruz redemptora no rochedo do Golgotha, nos tres seculos que depois se seguiram, estrugiu ininterrupto no mundo este grito feroz: «os christãos aos leões e ás fogueiras». F'oi uma sangueira horrivel. Ninguem imagina a raiva dos perseguidores, nem calcula o morticinio dos perseguidos sem lêr attento a historia e o martyrologio christão. Que aconteceu porém ao fim de tão dilatado periodo de sevizias e crueza? O paganismo acordou esmagado pela cruz.

A fé que hontem era ensanguentada pelos tyrannos, resurgia agora glorificada pelos concilios, pelos doutores, pelos theologos, consolidada para sempre na adhesão universal de todos os povos. Jesus Christo do alto da Cruz e dezoito milhões de martyres, erguendo-se redivivos do seio da morte, haviam conquistado o mundo. E porque? Porque a verdade é eterna, porque a verdade é o sol que não pôde offuscar-se, porque a verdade, filha de Deus, não pôde ser preza, nem esmagada, nem queimada, nem anniquilada. Ora a verdade era Jesus Christo, porque Elle era filho de Deus. Elle o disse, Elle o confirmou com a sua vida e os seus milagres e a authenticidade divina da sua missão não admite replica. Agora pergunto eu: porque se hão apagado as palavras de Socrates e Platão, Appolonio de Thyane e de Epicteto, de Cakia-Mouni e Mahomet, dos rhetoricos, dos sophistas e

dos philosophos? Qual o segredo que dá ao christianismo a victoria sobre todas as seitas, o triumpho sobre todas as opiniões? Ouvi. A razão é simples e é obvia. Duas são as alavancas que revolvem esse mundo em miniatura, o «microcosmos» chamado homem: a ideia e a vontade. Ora já houve um tempo em que uma ideia conquistou o mundo. Essa foi a ideia christã. A ideia apresenta e a vontade offerece; a ideia conquista, a vontade faz proselytos. A ideia christã apossou-se do homem pelo sentimento, entrou pela porta verdadeira—o coração. O coração é a fibra vibrante do sentimento; quando sôa esta lyra divina, todos os homens escutam arroubados os seus melodiosos sons. Eis o que tem feito o christianismo. Este é o seu segredo. Vêde se houve já algum philosopho que abandonasse as ruas d'Athenas, d'Academia, do Portico ou do Lyceu, para ir a paragens longinquoas, como vae por exemplo o missionario catholico, converter homens e recrutar adeptos. Nunca haveis visto esse edificante espectaculo, porque a ideia e a vontade dos philosophos era declamatoria e especulativa, dirigia-se á intelligencia e á razão e nunca ao sentimento. Vêde agora o christianismo. Conquistou o mundo porque fallou aos homens a linguagem do coração e do amor. Por isso os pagãos se aterravam e apontavam os adeptos da religião nascente, dizendo: «vêde como elles se amam uns aos outros.» O christianismo obrigava os seus discipulos a familiarisarem-se com a ideia da morte. Ao sahirem das catacumbas para os seus grandes triumphos a linguagem do coração havia-lhes ensinado a indiferença diante do supplicio. «Irmãos é necessario morrer» animavam-se dizendo os martyres a caminho das fogueiras e das fêras. Estas palavras eram uma corrente electrica que atravessava os corações accendendo-lhes o desejo do martyrio. Os tempos mudaram, as ideias porém não morreram; transformaram-se successivamente no engenhoso laboratorio do coração, como a materia se transforma lentamente na grande officina que se chama a natureza. Não deveis já, diz o christianismo, sacrificar a vida, mas deveis sacrificar o egoismo; não se vos exige o sacrificio do san-

gue, mas sim o sacrificio das paixões; não se pede a resignação para a morte, pede-se porém a renuncia ás pompas do mundo. E apparece assim o padre, o frade, o missionario, a irmã da caridade, o heroe que nunca despe a sua mortalha, nem jámais abandona o seu posto no campo da lucta, como o soldado leal jámais despe a sua farda no campo da batalha. Assim pois só ao christianismo está destinada a conquista moral do mundo.

E porque? porque elle falla a linguagem do coração, o idioma do amor que só podia ter descido do céo, só podia ter sido ensinado por Deus.

P.^e Gonçalo Alves.

INSTRUCCÃO E EDUCAÇÃO

São calamitosos os tempos que vamos atravessando.

Violentas electricidades de destruição convulcionam a sociedade.

Vê-se o desfibrar das aspirações mais sublimes, o cor-roer dos sentimentos mais nobres, o depauperamento accelerado das forças moraes, o descer-se vertiginosamente do pedestal da dignidade encimado pela estatua da honra.

Veêm-se marulhos referventes no oceano da vida, combates titanescos na arena de luctas fratricidas e, sobre fratricidas, inglorias.

Veem-se as caligens do erro, as sombras da duvida, extendendo-se em projecções enormes tentando escurentar as vividas fulgencias da verdade, procurando esfriar as realentadoras calorificações da crença.

Veêm-se ... basta. Enrole-se o sudario das miserias humanas.

Isto é triste, é elegiaco, embora verdadeiro.

Longe de mim querer armar ao effeito, rasgando com o

escalpello d'uma critica acerada, pondo bem á mostra, em toda a sua hediondez, as feridas que exulceram a alma dos povos.

Para chagas, balsamo. Para veneno, antidoto. Apalpe-se as feridas e saneem-se. Veja-se em que veias corre o veneno e para essas o bisturi.

Ouvi o pregão que hoje mais alto retumba:—Seculo de luzes! Seculo de progredimentos!—

Sim, incontestaveis são as maravilhas que auréolam o seculo 19, que o abrilhantam, que o arrastam muito para cima, para altissimos degraus da perfectibilidade.

Tem-se inventado muito, tem-se descoberto muito, tem-se derramado muitas ondas de luz, teem-se clarificado muitos horisontes, teem-se desembruscado muitos firmamentos, teem-se salvado muitos abysmos, tem-se viajado nas distanciadadas regiões das espheras e tem-se passeiado nas fundas e accidentadas paragens dos oceanos.

Gloria ao seculo 19! Mas . . . sinto um espinho a ferir-me o coração.

Cahi-me na alma uma gotta de tristeza d'um travôr amarissimo.

E' que o seculo 19, se tem derramado sobre a humanidade pulverisações de luz, tambem tem adensado brumas, espessado celagens.

E' que o seculo 19, se tem expandido em perfulgencias grandiosas, unicas, tambem se tem, por vezes, bastantissimas vezes, rojado no muladar de ignobilidades que lhe ensombram o diadema.

Não exagero, não reajo contra o progresso, que amo, se disser que o seculo 19 tem tido trevas e trevas d'um negro muito carregado.

E quem as condensa, quem as alonga, quem as distende por sobre a sociedade? a instrução sem fé.

A instrução sem fé não é luz que alvoreja e acalenta, é fogo que cresta e requeima.

O seculo teria feito mais, teria feito tudo, se illuminando as intelligencias, santificasse os corações, se espancando

as celagens da ignorancia, que apouca, distillasse a ambrosia da crença, que agiganta.

Não obrou assim e abeirou-se da voragem.

— Mais luz, mais luz! — chamam todos.

Haja luz, sim, mas luz engrandecida pelas refulgencias da fé.

Dois fôcos de luz, unindo-se, illuminam mais, anorteiam melhor.

O homem, creado para o ceo, que não para a terra, com aspirações para o alto, para cima, e propensões para baixo, para a terra á terra das mundanidades, precisa de ser bem pharolisado, senão . . . ai d'elle!

E só a instrucção alliançada á fé tem o poder de o levar, sem tresvarios, sem errores, sem vagueações, sem naufragio, ao porto de salvamento.

A instrucção sem fé cospe sarcasmos nas coisas mais santas, verte fél no que ha de mais innocente, chasqueia d'este anhelar pelo Infinito, d'este voar da alma pelas regiões da eternidade.

Balisa a existencia no tumulto e para além, passado esse alcantil, não descobre nada, não prescruta nada, — tudo um enigma, tudo ignoto, se alguma coisa ha.

Impossivel assim formar corações desbordantes de virtudes, com vulcões a explodirem coruscancias d'amor.

Impossivel assim travar a roda da decadencia social, decadencia que se accentua de dia para dia, com symptsmas assustadores, vertiginosa no seu marchar.

Eu não tento erguer, celeuma contra a instrucção. Longe de mim pôr entraves á diffusão da sciencia.

Horrorisam-me as trevas. Amo a luz. As escurezas da noite caem-me na alma como barra de chumbo. As resplandecencias do dia banham-me n'uma mar de delicias.

Rasguem-se horisontes ainda mais latos; deixe-se correr, correr desapoderadamente o genio da instrucção, mas com o facho da sciencia e o fanal da fé; um entendendo os seus reverberos pelas regiões em que gravitam os astros, pelos veios em que loireja o ouro, pelas cavernas em que se

agita o crustaceo; o outra projectando sua enorme luz nas paragens da eternidade, abrindo um sulco fulgente desde o deserto ao oasis, desde o desterro á patria, desde a terra ao ceu.

Eu queria ver por ahi alem, pelas camadas sociaes, muita instrucção. Queria ver o fechar de muitos carceres e o abrir de muitas escolas. Queria ver o desfazer de muitos preconceitos, o destruir de muitas supersticções, o destrinçar a verdade no meio de muitas sophismas.

Eu queria ver tudo isso, ou ainda mais que isso.

Mas tambem queria o limpar-se muito coração, o enraizar-se muita fé.

Para isso principie-se a trabalhar desde o berço.

Não procrastinar a educação. A arvore verga-se quando tenra. O cedro, gigante das selvas, quando annoso e nodoso, quebra e não torce.

O homem viciado desde o berço, eivado de baixezas desde o ragaço materno, raro scrá mais tarde o athleta da civilisação, o hercules do progresso.

Olhe-se para o berço, procure-se o berço, ame-se o berço, defenda-se o berço.

No berço está o germen que hade desenvolver-se. Vitalise-se a germen. No berço está a rosa ainda em botão. Não se deixe crestar ao abrir das petalas, não se desfolhe quando rescendendo os aromas mais puros, quando em todo o mimo do seu desabotoar.

Paira em todos os espiritos uma grande incerteza sobre o dia d'amanhã.

Todos tremem pelo futuro, porque veêm no firmamento acastellarem-se nuvens sobre nuvens promptas a descarregarem as suas electricidades. Evitem-se as descargas. Instrue-se e eduque-se.

A instrucção dà-nos a conhecer a natureza da electricidade, a educação fornece-nos para-raios.

Uma e outra dando-se as mãos, mutuando se amor, transmittindo-se alentos, entravarão a roda da decadencia social.

S. Damaso.

P.^e Henrique Gomes.

AMOR DE MÃE

As mães amam com a mais febril generosidade, com o mais heroico entusiasmo, com a mais louca dedicação. Se os filhos choram, bebem-lhes o pranto em beijos, se riem, riem também ellas—os anjos do lar—felizes de os verem contentes.

Um exemplo entre mil.

Era no ciclo homérico das épicas glorias luzas, quando Portugal, fascinado pelo mar que lhe beija as praias, desvendava aos olhos do mundo attonito, continentes e roteiros nunca visionados. Era quando ao impulso herculeo do vidente de Sagres, os nossos galeões singravam ovantes as planuras do oceano, e o pendão das quinás arfava luzido de triumphos, no tope das nossas galéras e nos piques das nossas caravellas. Um d'esse dragões do mar que abriram o trabalhado roteiro da India, velejava de Goa para a bahia do Tejo. A bordo, a par d'uma tripulação audaciosa e destemida, rica d'esperanças e avida de entelhar o nome no marmore da historia, vinham alguns veteranos, cujos brazões heraldicos eram alguns gilvazes colhidos nos recontros com os turcos.

A meio da costa oriental africana, levanta-se, com espantosa furia, uma procella terrivel.

As velas voam rôtas nas azas do turbilhão e os mastros rangem, estalam.

A athmosphera negra como tinta, ribomba descargas electricas, flecha raios, despeja catadupas.

Os ventos em luta titanica instrumentam simphonias medonhas e as vagas em cachão bramem rugidos de hiénas.

O grande mar escancara fauces tenebrosas, enormes, immensas, insondaveis, e accumula montanhas d'agua cristadas de espuma a ferver. E o desventurado navio desarvorado e arrastado na vertigem do anniquilamento, lá desce ao fundo

d'abismos marulhosos e galga ao cume de montanhas... e a artilheria vae troando ainda os seus gritos d'alarma, sinistros como os ultimos arrancos d'um colosso moribundo.

Eis que dos lados do norte rola magestosa uma onda gigante: aproxima-se celere como o raio, empolga a malfadada nau no seu dorso enorme, joga-a como pedra despedida de catapulta, e arremessa-a de encontro a um baixio traidor, rasgando no cavername uma brécha por onde golfam rios.

A tripulação, doida como o delirio e feroz como o desespero, vóa á coberta em tropel despedaçando-se entre imprecações e preces, blasphemias e alaridos.

.....

Pouco depois amainara a borrasca.

A desgraçada galera já não vogava a lume das ondas.

Sorvera a d'um hausto, o mar impassivel a gritos doloridos!

Não findara porem a funebre tragedia.

Debatia-se ainda nas ondas um homem de coragem leonina aferrando-se nervosamente a uma taboa—reliquia do naufragio—e estreitando contra o peito uma mulher—a esposa adorada—e uma creança,—o filhinho querido. Após esforços inauditos, abica uma rocha que a vasante pozéra a descoberto e escala-a para arrancar ás vagas impiedosas os dois penhores de seu amor.

Mas não descança o infeliz. Deixa no rochedo hospitaleiro metade de sua alma, e arroja-se de novo ás ondas a vêr se na linha solitaria do horisonte alveja alguma vela salvadora.

E aquella mulher duplamente martir, alli ficou só; aterrada pela immensidade; sentada na escarpa da rocha entre o espaço onde galopam nuvens, e o mar onde batalham ventos, emquanto nos braços uma innocentinha se finava de fome!

E' lamentavelmente doloroso!

Mas, oh incomparavel amor de Mãe! a martir lembra-se de que no corpo ainda lhe circula algum sangue, e n'um

arrojo divinamente heroico rasga as veias para o dar a beber á creança moribunda !

Quando o bravo marinheiro, quasi morto de fadiga e desespero voltou ao solitario abrigo, a esposa feita cadaver jazia estendida na rocha tumular, e a natureza como se fôra capaz d'arrependimento, sossurrava ululante trenos doloridos carpindo a morte heroica d'aquelle anjo.

Sublime tragedia de sacrificio maternal! facta virgem de dedicação sobrehumana! Para o descrever seria descolorida a palheta opulenta de Murillo.

São assim muitas mães!

Amam sem medida!

Amam até o suicidio!

1880.

João Mario.

DEZOITO DE DEZEMBRO!

Feliz és tu, dia,
Dia venturoso !...
Faz annos Bellino
Em tudo ditoso !

Feliz na consorte,
Feliz na cunhada !
Sorri-lhe na vida
Fortuna dourada !

Ditoso nas letras,
E' d'ellas amado !
Amigo é sincero,
Leal, dedicado !

18 Dezembro 91.

Pereira Caldas.

O NATAL

E' a mais simpathica entre as festas que o calendario catholico consagra. Tão antiga como o christianismo e tão universal como elle, rescende fragancias de infinita doçura, exhala perfumes de gratissima poesia, evola-se para Deus em espiraes de viva crença. Não a ha mais pura e infantil, mais sentida e suave, mais popular e tradicional.

O catholicismo, sabe ferir com delicada mestria todas as cordas do coração, sabe percorrer toda a gamma do sentimento e arrancar-lhe os mais variados harpejos. Prende o homem pela sensibilidade, com os mimosos encantos das suas festas e com a imponencia magestática das suas pompas; pela vontade, com os gratos preceitos de que Jesus perolou a sua moral; pela razão, com os sublimes misterios que o enaltecem constatando lhe a origem divina. Toma-o pela mão e leva-o atravéz dos enredados meandros da vida, coalhando de flôres o caminho onde mais viçam os espinhos do infortunio.

Nenhuma outra religião sabe assim amoldar se a todas as necessidades do espirito.

E como o Natal vem a proposito! e como a viuvez da natureza aconselha o conchego das familias á roda da crepitante lareira!

Quando o ceo é plumbeo e gelado e a atmosphaera se desfaz em aguaceiros ou se desentranha em ventanias, quando a paisagem tem aridez de deserto e somnolencias de cemiterio, quando o sol não infunde os seus raios d'ouro atravez da espessura das neblinas e a lua não polvilha de prata o firmamento picado d'estrellas, nem distende uma gaze diaphana por sobre a terra sem vida; quando pelas pla-

nicies se desdobra um brunido lençol de neve crestando o hervançum das campinas e as verduras do alqueives; quando a vegetação tão em contraste com as luxuriantes opulencias estivaes, despida das suas galas, só offerece á vista renques espectraes de troncos nús e vergontees esguias, onde de maravilha oscilla uma folha ao sopro da aura; quando os rumôres da noite nos trazem quasi só os latidos dos cães que velam nos telheiros ou nas arribanas, e raro alguma voz aldeã e argentina que põe melodiosas vibrações nas azas do vento, e expande em graciosos descantes os prazeres e alegrias intimas, bem como as suas desillusões e queixumes; quando toda a natureza se concentra para elaborar a seiva que ha de nutrir as florescencias primaveris, é justo que tambem o homem se recolha ao sanctuario immaculado da familia para ahi haurir a seiva fecundante da religião e do amor.

O Natal, talvez em virtude do fundo de poesia que n'elle ha, tem sido e continuará a ser respeitado pelo alferce vandalico de todas as metamorphoses politicas, moraes ou religiosas, que convulsionaram as sociedades. E, é caso para estranheza; porque tem sido tão vasto o naufragio das crenças que poetisavam e ennobreciam a grande alma popular, tem sido tão avida de ruinas e tão anti-tradicional a vaporosa civilisação, foi tão allucinante o bello, mas phantasioso sonho de *liberdade*—deidade a quem a Europa rendeu o culto mais ardente, miragem fagueira a que o mundo sacrificou o que possuia de mais querido—que o nosso espirito se alvo-roça de contentamento, ao vêr que a grande vaga tumultuaria nem ao menos fez estremecer os vigamentos do venerando templo catholico e que a revolução deixou após si as sublimes verdades do christian-ismo, como boias de salvação no mar da vida.

A maior seducção do Natal, está em ser elle a mais genuina consagração da familia, alem de rememorar o inicio da momentosa remodelação social operada pelo Homem-Deus.

As familias são o nervo da sociedade, são o esteio mais valido das nações, e o natal tem o mago condão de lhes estreitar os vinculos, congraçar os membros mal-avindos, congregal os n'um concheço rorejado de affectos. Alli, ao lar, ao calor amigo da chamma alimentada por mão carinhosa, a columna de fumo ao meio ascendendo em grossa espiral, emquanto dos classicos pitéos se escapam vaporadas de perfume e lá fóra e neve branca os telhados ou a chuva fustiga as vidraças, abre-se uma escola de preciosos ensinamentos dictados pela voz auctorisada da experiencia ou do amor. Alli, não vem o interesse envenenar as intenções ou desvirtuar os conselhos; não ha refolhos no dizer nem fallacias no character, mas só lisura estreme e dedicação provada.

E' bello tomar alento á frescura d'esse oasis encantador, e refazer o espirito para proseguir na lucta pela vida.

Santa Quiteria, 4889.

Antonio Hermano.

A ANTIGUIDADE DA TERRA

Como Moisés affirmara que Deus creou o mundo em seis dias e a geologia constata ao invés, que este pequeno globo gastou em sua formação epochas incalculaveis, riu de jubilo a *innocente* impiedade e soltou esta calinada: — «Vejam os senhores como a Biblia mente! Como a geologia a apanhou em flagrante! A sciencia desentranhou do seio do globo o segredo da sua incomparavel longevidade, e poz ás claras o embuste biblico da creação em 6 dias!».

Pura e ridicula illusão! Nem a Biblia mente, nem a geologia erra. Tudo se unifica na mais suave harmonia.

Moisés não disse que o mundo fora creado em 6 dias

mas sim em seis epochas, que tal é a significação do termo que apparece no original hebraico e, dissesse muito embora —dias—o seu dizer explicaria-se por completo, pois que Moisés não era homem de sciencia, não tinha portanto o dever de se exprimir com rigor technologico, além de que, dirigia se um povo extremamente rude a quem convinha ensinar por imagens, por symbolos e jámais por formulas scientificas.

Sobre a interpretação d'este curioso ponto biblico opiniões varias têm surgido, systematisaveis da seguinte fórma:—

- 1.º—Creação simultanea.
- 2.º—Revelações successivas.
- 3.º—Terra antecahotica.
- 4.º—Interpretação litteral.
- 5.º—Dias-epochas.

a) *Êreação simultanea.*

E' devido este systema ao grande bispo de Hippona, Santo Agostinho.

Este grande escriptor ecclesiastico vendo que os primeiros tres dias da criação não podiam ser solares visto não existir ainda o sol, affirmou que os dias da criação nada mais eram do que uma simples allegoria com vista a apresentar-nos d'um modo mais claro e em quadros successivos o acto da criação, momentaneo e simultaneo.

Teve esta theoria adeptos de grande talento e erudição como: Origenes, Santo Athanasio, Alberto Magno. Santo Thomaz d'Aquino embora não a declare verdadeira, quer que a respeitem.

E' hoje um systema abandonado, por menos conforme com os dados scientificos.

b) *Revelações successivas.*

Aventou este systema o grande pensador allemão dr. Kurtz, professor da Universidade de Dorpart. Publicou um

livro intitulado *Bibel und Astronomie*, que visa a conciliar a Biblia com a sciencia.

Kurtz affirma que os dias genesiacos indicam simplesmente os varios periodos em que Deus foi revelando successivamente as partes da creação; d'onde se vê que os dias de que fala Moisés são apenas impressões subjectivas e que Deus procedeu assim para mostrar ao escriptor hageographo o seu poder creador.

Conta alguns sectarios, como:—Henri Martin, Michelis, J. B. Baltzar, Mgr. Blefford, Schäfer e Zollmann.

c) *Terra antecahotica.*

E' devido este systema a Buckland e seguido por Westermayer, Wiseman, J. Hutton, Molloy, Chalmers, Desdonits (catholico) Jehan, Guiraud e muitos outros. Podemos considerar como pertencente a este systema a theoria de M. Fabre d'Enviu, que admite varias creações anteriores ao homem. Dá-se-lhe ainda o nome de systema dos intervallos, theoria da restituição ou da restauração.

Buckland era um sabio inglez, professor na Universidade de Oxford, celebre como geologo. Expõe o seu systema no capitulo II do primeiro volume da sua obra intitulada : *La geologie et la mineralogie dans leurs rapports avec la Theologie naturelle.*

A sua theoria consiste em admittir duas creações distinctas. Na primeira Deus creou os elementos que constituem o céu e a terra e tanto os astros como o nosso globo soffreram varias transformações até ao seu estado actual. Depois de chegar a este estado o nosso globo foi-se solidificando e cobrindo de vegetaes e animacs. Para se darem estes phenomenos eram necessarios periodos enormes.

E' esta a creação a que elle chama antecahotica.

Chegando o nosso planeta a este estado sobreveio-lhe um enorme cataclysmo em que tudo foi absorvido, as floras e faunas existentes, indo sepultar-se nas varias camadas do globo, reduziram-se ao estado fossil em que hoje as encontramos. Depois d'este cataclysmo Deus operou uma nova

creação que durou seis dias de 24 horas durante as quaes foram apparecendo successivamente as especies vegetaes e animaes que hoje existem e finalmente o homem. Este systema é inadmissivel, porque :

1.º é necessario destruir o sentido do texto para se admittir esta theoria, pois que admittre um grande espaço entre as varias narrações da Biblia, quando ellas estão intimamente ligadas.

2.º segundo este systema houve um salto enorme (se assim me posso exprimir) da criação dos animaes e vegetaes fosseis para os actuaes, quando a geologia nos ensina que ha uma serie perfeita, progressiva e continua entre as varias especies animaes e vegetaes reduzidas ao estado fossil. Alem d'isso ha alguma analogia entre os seres actuaes e os fosseis dos scrs mais perfeitos, o que parece vir provar o aphorismo: «*natura non facit saltus.*» Nada ha portanto que nos mostre ter havido uma interrupção entre as floras e faunas primitivas e as actuaes, pelo contrario mostram se entre ambas varios pontos de contacto, o que deu origem ao transformismo.

3.º affirma que todas as especies animaes e vegetaes fosseis foram contemporaneas.

4.º porque é que Deus formou primeiramente um mundo antecahotico em virtude das leis naturaes e creou um segundo depois de destruido o primeiro por um cataclismo, sem intervenção d'essas mesmas leis? E' verdade que Deus o podia fazer, mas não é necessario recorrer á causa primaria, nem aos milagres, como diz Suarez, pois que isto pode explicar-se pelas leis naturaes.

5.º Esta theoria leva nos á conclusão de que as especies animaes e vegetaes dos nossos dias são contemporaneas do homem; mas a sciencia affirma que entre os molluscos e entre os mamiferos contemporaneos do homem ha muitos que viviam ha seculos sobre a terra antes da apparição do homem e alguns mesmo ha milhares d'annos. Não se pode pois suppôr que estes animaes fossem creados alguns dias antes do homem.

D'onde se conclue que este systema dá á palavra *dia* uma interpretação forçada e nada tem de natural.

d) Interpretação litteral.

Este systema diz que a palavra *dia* empregada por Moisés indica o periodo de 24 horas.

Seguem esta interpretação Bosizio, Eirich, Glaire, Veitt (judeu converso) Keil, Bergier, o abbade Sorignet, Maupied, o P.^e Laurent, Semeria e a maior parte dos commentadores, E' a opinião mais antiga.

Bergier expõe o seu systema dizendo: *quelques physiciens, pour concilier leur systheme de cosmogonie avec la narration de Moïse, ont supposé que les six jours de la creation etaient six intervalles d'un temps indéterminé..... Mais cette interpretation ne s'accorde pas assez avec le sens litteral du texte: Moïse dit qu'il y eut soir et un matin, et que ce fut le premier jour: parle de même du second et des suivants. Celà signifie litteralement un jour ordinaire et naturel de vingt-quatre heures; autrement Moïse ne serait pas entendu par les lecteurs et il aurait abusé de la langage.*

Glaire diz: «*on a voulu entendre ce mot pris dans le dernier sens (comme l'espace de vingt-quatre heures) d'un long espace de temps indéterminé, d'une époque. Mais on n'a pas considéré qu'il faudrait necessairement dans ce cas que le mot hébreu fût au pluriel.*»

Não era necessario que a palavra *dia* estivesse no plural para indicar epochas, pois que no singular tambem se lhe dá essa interpretação.

Muitos partidarios d'este systema dizem que os tres primeiros dias da criação tiveram uma duração indeterminada e que só os tres ultimos são periodos de 24 horas, pois que já o sol allumiava a terra.

Esta theoria é falsa pois dá á palavra *dia* dous sentidos differentes n'esta parte da narração genesiaca.

Se os phenomenos geologicos dos tres primeiros periodos exigem longos periodos para a sua formação porque é

que os segundos os não exigem também? porque é que se hade attribuir milagre sómente aos tres ultimos dias e não aos tres primeiros?

Os que seguem o systema de que os seis dias são periodos de 24 horas, dizem que Deus sendo Omnipotente podia crear e effectivamente creou o mundo em seis dias.

Deus podia crear o mundo em seis dias, concordo, mas também podia creal-o n'um só dia em virtude da sua Omnipotencia e porque o não fez? Alem d'isso como é que se formaram esses grandes jazigos de hulha, essas enormes camadas de sedimento, os fosseis, etc.?

Os sectarios d'este systema querem resolver esta enorme difficuldade dizendo que Deus creou a terra tal qual ella é e lhe deu esta caracter de robustez para imprimir mais belleza á sua obra.

Esta explicação é simplesmente ridicula, pois levava-nos a admittir que Deus nos queria enganar.

Ainda nos podem dar outra explicação que consiste em affirmar que todos estes fosseis foram depositos nas varias camadas terrestres depois da criação do homem. Não é menos absurda esta explicação do que a precedente.

Vejamos agora os argumentos em que se fundamentam os sectarios d'esta opinião.

1.º argumento. A interpretação dos S.^{tos} Padres é d'um valor incontestavel e devemos admittil-a, pois representam a tradição da Igreja, mas os S.^{tos} P.^{es} são unanimes em affirmar que a palavra *dia* empregada por Moisés indica um periodo de 24 horas; logo só essa opinião é admissivel.

Responderemos que é verdade que muitos dos S.^{tos} P.^{es} interpretaram os dias como periodos de 24 horas, porem dizer que os S.^{tos} P.^{es} são unanimes em affirmar esta opinião é falso, pois que muitos não se pronunciam sobre a natureza dos dias genesiacos. Uns como S.^{to} Agostinho dizem que é muito difficil saber a natureza d'esses dias; outros como S. Gregorio de Nazianza e S. Justino Martyr, dizem que para a formação da terra era necessario muitissimo tempo. Além

d'isso os S.^{tos} P.^{es}, que mostram grande difficuldade na interpretação d'esta palavra, certamente a interpretariam no sentido em que nós hoje a iuterpretamos se tivessem n'aquelle tempo os nossos conhecimentos geologicos.

2.^o *argumento*. — Toda a reunião d'uma manhã e d'uma tarde constitue um dia de 24 horas, Moisés diz que estes dias tinham tarde e manhã, logo não podem ser senão períodos de 24 horas.

Resposta. — Este argumento nada prova, pois embora seja verdade que a reunião d'uma manhã e d'uma tarde forme um dia, não é comtudo verdade que a reunião d'uma tarde e d'uma manhã formem um dia. Ora Moisés no primeiro capitulo do Genesis diz que de tarde e de manhã se fez um dia. D'aqui se vê que as palavras tarde e manhã não estão tomadas no sentido natural, mas sim no translato.

É, pois, inadmissivel este sistema porque:

a) não explica o motivo porque os tres dias antes do apparecimento do sol eram dias de 24 horas e como é que se fazia essa contagem.

b) não explica de modo satisfatorio a formação dos fosseis, das camadas que compõem a crusta terrestre, dos jazigos de hulha, etc.

c) oppõe-se ás conclusões da sciencia, pois levava-nos a não admittir a existencia dos trilobitas, que caracterizam os terrenos primarios e não apparecem nos secundarios, dos ammonitas que caracterizam os secundarios e não apparecem nos terciarios etc.

d) não explica o motivo porquê em terrenos fosseis se encontram no meio de signaes de gottas da chuva, que cahiam sobre esses terrenos, vestigios de patas de aves e d'ou-tros seres animaes.

e) leva-nos a uma falsa concepção da ideia de Deus e da sua veracidade.

E) Dias periodos:

E' tambem chamado este systema *concordista* e foi o

seu fundador Cuvier, que em 1821 expoz pela primeira vez o seu systema.

E' este o systema que conta actualmente em suas fileiras maior numero de theologos e sabios catholicos. Está em harmonia com o que pensaram muitos dos Santos Padres como: Santo Athanazio, S. Cirillo, Clemente, Origenes, S. Basilio, S. Gregorio de Nyssa. São tambem d'esta opinião S. Eucler, Pereira, Bamez, Bede, etc.; adoptam-n'a tambem grande numero de exegetas e apologistas modernos, como são: Meignam, Keusch, Gainet, Vigouroux, Hamard, Pioger, Jean d'Estienne, Augusto Nicolas, Pozzy, Marin de Carraurais, etc.

Este systema diz que a palavra *dia* empregada por Moisés não indica um dia solar de 24 horas, mas sim periodos durante os quaes o mundo se organisou progressivamente e conformemente com as leis physicas dadas á materia pelo Creador.

Em virtude d'estas leis a terra tornou-se pouco a pouco apta para ser a séde da vida organisada; quando ella se achava em circumstancias de receber os seres dotados de vida Deus por uma acção immediata creou os animaes e as plantas, que nasciam, desenvolviam-se e morriam conforme as leis da sua natureza. O homem foi o primeiro ser que appareceu sobre a terra, creado immediatamente por Deus.

Vae ainda mais além este systema, pois affirma que as palavras *tarde* e *manhã* indicam a passagem d'um estado cosmogonico para outro.

Tem-se pretendido destruir esta theoria dizendo que ella se oppõe ao sentido litteral do texto e dá á palavra *dia* uma interpretação forçada. E' falsa esta affirmacão. Nós vemos que na Biblia a palavra *dia* se emprega para exprimir um maior ou menor espaço de tempo, que nós chamamos periodo, epocha, duracão, etc. e isto pelo facto da pobreza da lingua hebraica que não possui senão a palavra *dia* para indicar um espaço de 24 horas ou um periodo de tempo indeterminado. Assim no Genesis II—4 e 5 diz Moisés: *istae sunt generationes coeli et terrae, quando creatae sunt,*

in die quo fecit Dominus Deus coelum et terram et omne virgultim agri, etc. Esta palavra *dia* que aqui está no singular não indica um prazo de 24 horas, mas sim os dias todos enumerados no cap. I. Além d'isso ha-de indicar periodo porque as duas palavras empregadas por Moisés *tarde* e *manhã* indicam o principio e o fim de cada periodo.

Além d'isso Moisés dizendo que da tarde e da manhã se fez um dia cahe n'um grande absurdo (se se der á palavra *dia* a interpretação literal) pois chama *dia* á noute: e tal não acontece se dermos á palavra *diu* o sentido de *periodo*. Admittindo mesmo que Deus creou a materia por uma só vez e depois a abandonou ás leis naturaes é necessario admittir um tempo muito longo para chegar ao estado em que actualmente está. Esse tempo mais ou menos longo exprime-o Moisés pela palavra *dia*.

No Salmo II, 7 diz Deus a seu Filho: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*; aqui, é claro, não se exprime um espaço de tempo de 24 horas, mas sim um dia muito longo que não teve principio—a eternidade. Jeremias annunciando ao povo hebreu os males que estavam para vir sobre Babylonia exprime-se assim: *Voe eis, quia venit dies eorum, tempus visitationis eorum* (I, 27 e 91); e no cap. XLVI, 10 e 21 diz: *dicit Dominus exercituum, quia venit dies tuum, tempus visitationis tuae*. Aqui comparam-se as duas expressões *dies* e *tempus*. Ha aqui um parallellismo hebraico, que mostra claramente que a palavra *dies* está empregada no mesmo sentido em que a palavra *tempus*, isto é, para exprimir um tempo indeterminado (1).

Ainda mais. Desde o versiculo 14 até ao 19 do cap. I. Moisés diz que Deus creou o sol, a lua e as estrellas no quarto dia. Ora como nos tres primeiros dias ainda não ha-

(1) Indicam o mesmo as seguintes textos: Ex. X—6 Lev. VII—35 e 36; Num. VII—10 e 14. Deut. IX—24; XXXI—17 e 18; XXXII—4; Ancós III—14; Ezequiel XXX—3 e 9. Isaias XXXIX—18. Math. X—15. João VIII—56, etc.

via sido creado a sol, esses dias não podem ser dias solares, isto é, dias de 24 horas.

Passemos agora a examinar as tradições cosmogonicas de todos os povos da antiguidade, pois fornecem-nos um argumento decisivo para provarmos a these proposta.

Mas objectar-nos-hão que essas tradições são falsas e que portanto não podem vir fornecer-nos um argumento para provarmos a nossa these. Concedo que essas tradições sejam falsas, mas o que é certo é que ellas são como que uma continuação d'uma tradição primitiva verdadeira que a pouco e pouco se foi adulterando. Embora ellas sejam falsas, teem um *quid* verdadeiro, que constitue a sua essencia.

Começemos pelas tradições indianas. Contam os *povos indianos* que Brahma esteve encerrado dentro do ovo cosmico durante um periodo de 360 dias e depois dividindo-o fez d'elle duas metades, que constituem o céu e a terra. Affirmam que esses dias não são solares, mas que cada um d'elles constitue um enorme periodo de 12:000:000 de annos (1).

As *tradições persas* approximam-se immensamente da gíogenia mosaica, pois todas ellas são unanimes em affirmar que a obra da criação está dividida em *seis periodos eguaes*, cada um de mil annos.

As *tradições etruscas* dizem que a obra da criação teve logar em doze mil annos, os quaes destribuem do seguinte modo:

Mil annos para a criação da materia cosmica, da qual se havia de desmembrar o nosso systema planetario, isto é, para a criação do céu e da terra; depois tracta da criação dos seres inanimados e animados para a criação dos quaes exige um periodo de cinco mil annos; finalmente tracta da criação do homem e para elle exige um periodo de seis mil annos (2). Confrontando a ordem porque esta tradição ap-

(1) W. Jones.—Institutes of Hindre Cw, or the ordnances of Menu it. I.

(2) Suidas—Lexicon t. II.

presenta os seres creados com o primeiro capitulo do Genesis, onde se expõe syntheticamente a cosmogonia mosaica, vê-se que ella segue pouco mais ou menos a mesma ordem.

A *Cosmogonia phenicia* parece coadunar-se com estas tradições, pois por uma passagem de Philon de Byblos o ar e o cahos estendiam-se até ao infinito e sómente depois de decorrido um longo periodo de seculos é que começaram a assentar-se a pouco e pouco os seus limites.

Sem duvida alguma a tradição que anda envolta n'um sem numero de fabulas é a da *cosmogonia chaldaica*, mas parece que ella tambem affirma que para a constituição do nosso globo era necessario um grande periodo de tempo (?). Ha entre as duas cosmogonias, chaldaica e mosaica, grandes differenças, mas as semilhanças enormes que existem levam-nos á conclusão de que estas duas cosmogonias tiveram a mesma origem.

A *cosmogonia chinezex* attribue a criação do universo a Pau-kon-Ché, velho já decrepito e sem forças. Tinha n'uma das mãos um cinzel e na outra um martello e coberto de suor tractava da criação do universo, trabalhando para isso continuamente durante um grande numero de annos.

Os povos do norte da Europa faziam já uma concepção mais digna do seu Deus creador. Assim os scandinavos affirmavam que Thorr, seu deus, era um homem dotado d'uma energia raras vezes vista, que a golpes de martello conseguiu construir o universo. Exigia pois a *cosmogonia scandinava* menos tempo para a criação do universo do que a chinezex, mas ainda assim exigia um grande espaço de tempo.

Ora se as tradições cosmogonicas dos povos antigos affirmam que para a criação da terra era necessario muito tempo e se essas tradições são adulterações d'uma tradição primitiva, qual era a do povo hebreu, concluimos que ellas veem em auxilio da interpretação da palavra *dia* empregado por Moisés e que ella exprime periodos indeterminados.

José Pereira da Costa.

AOS ANNOS D'UMA SENHORA

Senhora, eu não pretendo, em doce verso,
 Hoje exaltar teu natalicio dia,
 Que só cabe a um mimoso da poesia
 Virtudes sublimar pelo universo.

Mas deixa a um coração, em gozo immerso,
 Render-te o preito que render devia,
 Dar-te os emboras meus, porque a alegria
 Brilha em teu rosto, espelho da alma terso.

E razão tens: volvendo atraz os olhos,
 Ao passado que a tantos entristece,
 De espinhos golpeados e de escolhos,

Gloriar-te debes: glorias mil merece
 Quem faz brotar, do mundo entre os abrolios,
 De altas virtudes opulenta messe.

A. Moreira Bello.

A RELIGIÃO E A NATUREZA

(EXCERPTO)

Salvé! spes nostra, salvé!

Sois religiosos e fazeis bem; que a religião é todo o alicerce do vosso bem estar, é a base angular da sociedade, é o iris doirado da esperança, é a consolação suprema dos infelizes. A religião é o latego de Christo azorragando o vicio, é uma larga bateria em fogo vivo contra os arraiaes da immoralidade. Não vêdes como ella — a sublime fada social —, combate, persegue e stigmatiza sem descanso, sem armisticio, o devasso, o ladrão, o bebado, o maldizente, o jo-

gador, o blasphemo, o impio, o hipocrita, o perjuro, o traidor...? Não vêdes como ella vergasta com tedio, mas sem dôr, todas as infamias da corrupção e todas as anomalias moraes? e como cauterisa todas as chagas e vivisseca todos os tumores que bojam no anemico organismo social?

Fazeis bem pois em ser religiosos.

Mas a nossa bella religião além de ser a fada tutelar da humanidade velando-nos com a gase vaporosa de suas azas purissimas, é tambem o anjo da natureza, o complemento da materia viva, porque as festas magnificas dos templos, ca-sam-se em suaves harmonias, com as festas joviaes ou dolentes dos campos. Vêde:

Quando a neve branqueia os telhados, as veigas e os caminhos e a invernã tempestuosa vos congrega á roda da crepitante lareira, n'um concheço doce e intimo, que estreita os laços sagrados das familias e reedita os velhos contos tradicionaes, emquanto assim, ao som dolorido ou feroz da tempestade, celebraes a grata festa do lar, vem a religião convidar-vos para a festa incomparavel do Deus Recemnas-cido e abençoar a encantadora e simbolica ceia do *Natal*.

E na primavera, quando a vegetação se engalana de frondes novas e os jardins se toucam de flores, quando nas azas da viração se balouça o perfume agri-doço do rosmani-nho e da madre silva, quando as aves fazem ninhos e gorgeiam idillios e a natureza inteira é uma immensa refluição da vida e uma esplendida coloração murillana, a Egreja despe o negro crêpe de que se forrara para soluçar a sua immensa dôr sobre o corpo livido de Jesus, e veste-se de galas e corôa-se de rosas e expande-se em jubilos, emquanto os sinos fervendo em repiques sonorosos, pregôam nas suas vozes argentinas o grito festivo de— *Alleluia*.—

E quando o sol a prumo, dardeja os seus raios mais calmosos e do seio fecundo da terra humida brotam os fructos córados e as searas loiras, quando a natureza n'uma

fermentação febril é um laboratorio gigantesco realisando uma alchimia que revela omnipotencia, convida-vos a religião a celebrar essas popularissimas e ruidosas *romarias*, que tão gratamente se amoldam aos vossos instinctos de meridionaes, e onde as vossas almas se banham n'uma immaculada alegria azul, como mariposas ao sol em veigas floridas.

E quando, na quadra fecunda das ceifas, brilham nas eiras as morêas doiradas de milho maduro, e nas vides negrejam os cachos retinctos, destacando-se na tinta glauca dos pampanos, quando o ar retine e ri cortado de timbradas canções joviaes, e tudo se agita e move na lufa-lufa de colher, diz-vos ainda a voz meiga e sollicita da Igreja: — Vinde festejar a assembleia celica de *todos os santos*, para depois irdes em commovente e piedosa romagem, soffragar as almas de todos os finados e orvalhar as campas dos vossos mortos com as lagrimas puras da saudade e com o rocio quente da prece.

Mas... basta. E' evidente, meus senhores, que a harmonia e a consonancia das festas da natureza com as pompas da religião é mais um titulo glorioso com que esta se recommenda á vossa adhesão; é mais uma nota viva de sua feição eminentemente popular.

Bruno d'Almeida.

A RELIGIOSIDADE PENINSULAR

(Continuação)

Esta nossa indolencia de meridionaes, amollecendo-nos as forças e quebrando-nos a iniciativa, imprime-nos tambem uns toques d'indifferença em assumptos religiosos.

Não temos, e ainda mal, aquella austera perseverança,

aquelle decidido amor ao trabalho, que faz do habitante da merencoria mas rica Albion, o primeiro commerciante, o primeiro maritimo e o primeiro industrial de todo o mundo, e converta a *City* n'uma vasta officina, enorme, ciclopica!

Somos os *forçados* da civilisação, os ferventes devotos da esterilizadora rotina.

Raro nos terão visto entre os primeiros artistas do progresso, a assentar uma pedra basilar ou afestoar com a grinalda d'um invento, o templo magestático, opulento, a seriforme da sciencia, da arte ou da industria.

Somos discipulos, não mestres, plagiarios, não inventores.

Precisamos que os outros povos, que marcham triumphalmente na vanguarda, nos abram a esteira, cahidos na qual, voguemos de braços eruzados; porque só de braços cruzados sabem singrar o mar da vida, aquelles que se sentem presa d'uma fome ugulina, d'uma sêde caustica de enervante indolencia.

Ainda bem que, para termos um talher no convivio das nações e para nos caber um logar no Pantheon das humanas grandesas, se abre em meio d'essa tibieza meridional, um parenthesis glorioso, um ciclo aureo, quente como um dia estival, coalkado de fulgurações onde vibra n'uma esfusiada estridula e rumorosa, um assomo fugaz, mas largo, intenso e profundo, de vitalidade incomparavelmente sentida e palpitante.

Frenetico assomo esse, que electricou os nossos ousados mareantes e os levou atravez das planuras virgens do Oceano, desde a bahia cristalina e ridentissima do Tejo, até ás plagas abrasadas da Libia, até á riquissima India, até á misteriosa China, até á ignorada Oceania, arvorando sempre o emblema da religião ao lado do simbolo da patria; a Cruz ao lado das Quinas.

Ainda bem que na nossa litteratura brilha. tão sereno e tão limpido como o sol em dia cantante d'abril, um bardo gigante, um estro olimpico, um cantor emerito d'una Odisseá grandiosa, que soube arrancar à centelha do seu genio

uma epopéa immorial e á sua palheta miguel-angesca um diorama opulento de colorações onde se photographam todas as feições d'uma sociedade. Assim ousando emparelhar a sua lira sideral com os plectros geniaes d'essa constellação querida das musas, que se chama:—Homero, Virgilio, Dante e Milton—levantou á terra que lhe foi berço, o monumento mais egregio e a lapide mais eloquente, e estampou nas cinzeluras hellenicãs do seu poema, todo o garbo e todo o vicôr d'uma raça.

Todavia, á parte esse parenthesis que a historia averbou em paginas de luz, o que é incontroverso e soffrivelmente evidente, é que o nosso estado habitual é o marasmo.

Está-nos na massa do sangue a tibieza, a indifferença religiosa, tendencia nefastamente aggravada por uma educação deleteria e impudentemente profana e materialista, que rompe com descaro gaiato contra os sagrados dictames da religião e do bom senso, fazendo tremular no limiar das escolas, o pendão volteriano da mais desconsoladora e fria impiedade e soprando nas multiplas tubas canoras da imprensa, as maximas subversivas da impiedade.

João Mario.

O SOCIALISMO

O socialismo é, o temeroso phantasma que aturde os governos e a sociedade.

E' principalmente na França, Belgica, Inglaterra e Alemanha, paizes classicos do industrialismo, que a sinistra seita formenta e engrossa, ouvindo-se já distinctamente o surdo ruido do futuro vulcão.

Os extremos tocam-se.

A barbarie creou nas espessas brenhas do norte, hordas

de salvagens, ferozes como jaguares, que se arremassaram sobre os restos ainda quentes do grande Imperio Romano : por sua vez, a civilisação, lá onde ella é mais capitosa e requintada, onde as industrias, sob o impulso potente do vapor, hão tocado a maximo desenvolvimento, ahí onde o homem se adormenta no seio viperino de todas as commodidades e de todos os vicios, cria hordas do socialistas, comunistas e anarchistas, estonteados pelas theorias proudhonicas, sem religião que lhes seja norte, com o espirito tão mal arejado e tão em desordem, como as lobregas mansardas que habitam, tão escuros, como a fumarada das fabricas e tão machinaes e rotineiros como os cilindros que movem.

E essas massas d'operarios — terrivel *senão* da civilisação hodierna — ameaçam subverter a Europa d'hoje como as hordas medievas subverteram a Europa d'hontem. E o nefasto socialismo, sem conhecer diques avança audaz e desfralda a todos os ventos, desvancido e ovante, o seu pendão rubro-negro, e grita : — abaixo a propriedade ! abaixo a familia ! abaixo a religião ! queremos liberdade a todo o panno !

Este perigo, que põe a Europa em serio sobresalto, tem como causaes principalissimas : a ausencia, por vezes absoluta d'uma sã educação, a falta de crenças que cohibam os desmandos brutaes da natureza e que sejam o esteio adamantino da moralidade, limando e puindo as asperesas do complicando machinismo social e as sollicitações irritantes do instincto.

Sem a mola real da religião, toda a engrenagem se desloca e paralisa.

Com a educação religiosa, obter-se hia uma sociedade ordeira e harmonica, moralisada e temperante, onde cada classe se amoldaria á sua orbita n'uma concordia edenica e n'um progresso constante.

Sem tal educação, teremos em toda a sua desenvoltura, as orgias do pensamento e as orgias da materia.

Teremos uma sociedade descrente e egoista, athea, sceptica e devassa, onde não vingarão os olentes germens dos

sentimentos generosos, nem as coloridas flôres das virtudes christãs, para só crescer, como em chão safaro, a urze rese- quida do vicio.

Sem um Deus que amolleça os impetos do coração e corrija os delirios da intelligencia, teremos a breve trecho, gréves, revoluções e barricadas, e cada vez se desenhará mais torva a perspectiva de este fim de seculo.

Outra causa da crise que avança é o excesso do indus- trialismo.

O trabalho mechanicamente substituído com enorme vantagem, ao labor manual, multiplica espantosamente a producção, pondo-a em disequilibrio com a venda e como a procura; abarrota os mercados sem lhes dar a va- sante correspondente, e d'est'arte licencêa muitos braços que vão formar nas fileiras do pauperismo e servir com desespe- rado afinco a causa do socialismo. D'ahi o fecharem-se estabe- lecimentos que distribuiam pão a milhares d'operarios e a passagem rapida d'um *maximum* de actividade a uma com- pleta paralisação.

D'ahi, uma classe densissima a braços com os horrores da fome, porque, não raro, os operarios imprevidentes dissi- pam o salario entre a taberna e o bordel, afogando-se nos prazeres ignobeis do alcool e da lascivia, por lhes faltar o amor da familia — o mais poderoso incentivo para a econo- mia — e uma religião que lhes nortêe a rasão apontando-lhes o caminho do dever. D'ahi, o canaz do *pauperismo*, roendo e minando os grandes centros industriaes, e a ancia com que as classes proletarias se aferram á ideia d'uma nova organi- sação social, parecendo-lhes que irão encontrar, nas ruinas da propriedade e da familia e nos destroços da auctoridade civil e religiosa, no grande *festimo* da anarchia sem pês, pão que farte a miseria e pingue pasto para todos os vicios que engordam nas sebosas cantinas, onde hauriram a sua deleteria educação.

A sociedade é isto. Sonha o seu el-dorado ramalhado de phantasias inebriantes, limpido como um crystal, sereno como um adejo d'agua, fulvo como um raio do sol, gracioso como

uma *virgem* de Murillo, e não descança sem chamar á vida a morbida visão. Para isso, moureja e tressua, rompe com todas as tradições, espesinha todas as leis; não ha tropelias que não avenge, paradoxos que não ajuste, e crimes que não sancione, audacias com que se não familiarise. Mas, apenas se surprehende nos braços do phantasma que a trazia em delirio, reconhece que se despenhou no fundo do abismo e que, arrastada pelos vôos ultra-liberrimos da imaginação, se deixou ir d'encontro á fragua viva da prosaica realidade.

E cil'a a tentar as azas após outro Ideal, para de novo se despenhar, para mais uma vez se desilludir.

João Mario.

MEDITAÇÕES

A esmola

Pobre velhinha! Com que carícia ella, tremula, olhou para o seu bemfeitor! Os olhos choraram uma gratidão dulcissima; os labios, convulsos diziam uma grande benção e segredavam uma prece que Deus havia de ouvir.

E' gratissimo aliviar as penas dos engeitados da fortuna e ser-lhes sireneu á cruz do infortunio que arrastam. E' um dever. Sob o velamen do ceu todos têm direito de sentar-se ao banquete da vida. O avaro que enthesoira defrauda os pobres. Não lhe pôz Deus nas mãos o oiro para que o enterte: confiou-lh'o sim para que o lance na mão esqueletica da miseria. Se o seu cofre se fecha como uma muralha para a infelicidade que lhe bate á porta, será muito que a Providencia o desampare e ao passar por entre as alas numerosas dos que a dôr crucia, oiça as vaias do desprezo em vez de ouvir as benções amorosas da gratidão?

As gralhas

Da gralha fez o pensamento grego um simbolo. O que prova haver já n'aquellas edades, quem depennasse pavões para cobrir o hediondo esqueleto chupado. Pois se Esopo encontrou por lá ratoneiros de pennas alheias o que não diremos dos dias de hoje? Vêem-se por essa sociedade pavões taes e tantos, que fica a gente a scismar se debaixo d'aquelle colorido verde-oiro não andarã muita gralha estúpida e feia. E quanto mais scisma mais se convence de que anda ahi gato por lebre e de que é justo o rebate da consciencia. Na verdade, a miude a chronica registra furtos escandalosos de pennas de pavão e onde haviam ellas de ir parar senão ás costas das pobres gralhas que se querem cobrir com o que não é seu? Pois eu voto que se escorracem ás apupadas as doidas que ás côres alheias pedem a belleza que não têm.

Aos pavões a sua formosura ; ás gralhas a sua fealdade. Cada qual em seu logar.

1894

Na sombra confusa do passado mais um anno se afundou. Magra é a memoria que de si deixa. Quando mais tarde a Historia lhe pedir contas de seu registro de glorias, elle, coitadito, não poderá apontar muitas em seu estadio longo; mas se lhe pedir a nota funebre das desgraças que semeou, poderá elle, vergado de miserias, dizer com afoiteza que a muitissimos de seus irmãos se avantajou. Na verdade hasteou alto e largo a bandeira da ruina. Desde o velho conflicto anarchista, tomado de insana furia, até o assassinato infame de Carnot—o bom—até a queda do grande imperador moscovita, até a conflagração sanguinolenta dos imperios levantinos, até o surdo avolumar da revindicta social, até os interminaveis abalos economicos e financeiros, até as sombras de chumbo que pairam na tela emmaranhada de diplomacia europea . . . o anno que ahi vemos tombar na vala, sem uma lagrima de saudade, foi um demolidor.

Para o que surge, seja toda a saudação de nossa esperança.

A discussão

Do attrito mana a scintilla, quente, inflammada, viva, gloriosa: da discussão salta a ideia, a verdade, ondeada de maga luz, racional, divina. A ideia roçando a ideia gera a luz. A luz? nem sempre.

Tendes visto a treva com suas mãos negras, enormes, á noitinha, ir á pressa, má, sinistra, correr uma cortina muito funebre sobre os longos radios d'oiro fundido, que o sol derama a ondas com bonhomia santa? Tal na discussão a vaidade. Enleia-se nas ideias, na verdade, no cerebro, no coração, nos prejuizos, nas fallacias, na opinião, na classe, na fortuna, no interesse, na familia dos disputantes, convertendo-os á faina danaidica da lucta infindavel e inutil. Assim, em vez de jorrar a luz gratissima da verdade, jorra o odio escuro do azedume de seu orgulho inflado.

Abomino a vaidade!

P.^o ANTONIO HERMANO.



Esta pagina é o fecho d'um longo triennio.

D'est'arte a «Crença & Letras» é quasi velha. Na verdade, n'este pobre paiz de mendicantes é uma afoiteza quasi heroica attingir tão provecta idade. E' quasi um milagre. Demais em mais esta publicação veio á arena muito senhora de si, muito independente, muito arteira. Ora assim não se vive em parte alguma e menos ainda na imprensa! E' necessario abrir caminho pela estrada zigzagueada do interesse, da subservencia; ser thuribulo, ser capacho; ser realejo, orgão ou o que quer que seja; ter taboleta e não brio; pôr em plano baixo o recto pensar e o recto sentir; usar da verdade, clamar pela justiça só para effeitos scenicos, para a impostura, para a comedia, vil, miseranda; ter corcovas de arco e rizados admirativos para a imbecilidade impante; elevar a ro-

tina, a tradição e o mando, a deidade, a culto. Ora a «Crença & Letras» por mercê de Deus, não veio ao mundo adornada de tão anodinos instinctos, viveu e viverá sempre erecta como os que olham para o ceu, sempre de bem com a sua consciencia, sempre inimiga de peias, sempre liberrima de subserviencias, sempre inspirada na sua querida estrella de verdade; por isso a briosa *revista* não se viu favorecida pelos que vendem o favor pelas lentilhas do interesse, pelos que especulam com a intelligencia alheia, por muitos que por um estúpido bamburrio da sorte se viram montados em altas sellas, occupando logares que nas sociedades bem organisadas são apanagio do merito.

Mas não tem amigos?

Tem muitos e primorosos. Nem os offenda a ironia acerba d'esta pagina. Teve-os tão bons e tão generosos que não o poderiam ser mais. Não lhes avultamos aqui os nomes abençoados, por que seria isso maguar sua modestia sincera, e a vera gratidão não se consola com tão minguadas retribuições: no coração estão-nos elles luminosamente inscriptos.

Ahi fica o contraste: a pagina primeira do triennio era um feixe de illusões, um enthusiasmo debruado de esperanças; a ultima é uma ironia infrene, ondeada de recriminações, avida de soltar-se do estrangulamento das metáforas.

O primeiro estadio está percorrido: volveremos á lida com fé e coragem.

30/12/1894

A Redacção.
